

## A QUE PARTIU

PARIS, janeiro — É uma doçura fácil ir aprendendo devagar e dis-traidamente uma língua. Mas às vê-zes acontece uma coisa triste e a gente sem querer acha que a lín-gua é que está errada, nós é que temos razão.

Eu tinha há muito, na carteira, o número do telefone de uma ve-lha conhecida, em Paris. No dia se-guinte ao de minha chegada dis-quei para lá. A voz convencional e gentil de uma "concierge" res-pondeu que ela não estava. Per-guntei mais alguma coisa, e a voz insistiu:

— Elle n'est pas là, monsieur. Elle est partie.

Eu não tinha grande interesse no telefonema, que era apenas cordial. Mas o mecanismo sentimental de uma pessoa que chega a uma cida-de estrangeira é complexo e deli-cado. Eu esperava ouvir do outro lado aquela voz conhecida, trocar algumas frases, talvez combinar um jantar "qualquer dia destes". Da-quele número de telefone parisi-ense na minha carteira eu fizera, inconscientemente, uma espécie de ponto de apoio; e ele me falhava.

Então me deu uma súbita e des-razoável tristeza; a culpa era do verbo. Ela tinha "partido". Imagi-nei-a vagamente em alguma cidade distante, perdida no nevoeiro des-sa manhã de inverno, talvez em al-guma estação da Irlanda ou em al-gum hall de hotel na Espanha. Não, sua presença para mim não tinha nenhuma importância; mas tenho horror de solidão, fome de criatu-ras, sou dessas pessoas fracas e tristes que precisam confessar, di-ante da auto-suficiência e do con-fôrto íntimo das outras; sim, eu preciso de pessoas; sim, tal como aquêle personagem de não sei mais que comédia americana, "I like peo-ple".

E subitamente me senti abando-nado no quarto de hotel, porque ela havia partido; esse verbo me feria, com seu ar romântico e es-túpido, e me fazia pobre e ridículo, a tocar telefone talvez com meses ou anos de atraso para um núme-ro de que ela talvez nem se lem-brasse mais, como talvez de mim mesmo talvez nem se lembrasse, e se alguém lhe dissesse meu nome seria capaz de fazer um pequeno es-fôrço, franzindo as sobrancelhas:

— Ah, sim, eu acho que conheço...

Mas a voz da "concierge" queria saber quem estava falando. Dei o meu nome. E me senti ainda mais ridículo perante aquela "concier-ge" desconhecida, que ficaria sa-bendo o segredo de minha tristeza, conhecendo a existência de um Mr. Braga que procura pelo telefone uma pessoa que partiu.

Mela hora depois o telefone da cabeceira bateu. Atendi falando francês, atrapalhado — e era a voz brasileira de minha conhecida. Es-tava em Paris, pois eu não tinha telefonado para ela agorinha mes-mo? Sua voz me encheu de calor, recuperada assim subitamente das brumas da distância e do tempo, cálida, natural e amiga. Tinha "partiço" para fazer umas compras, vol-tara em casa e recebera meu recado; telefonara para um amigo co-mum para saber o hotel em que eu estava.

Não sei se ela estranhou o calor de minha alegria; talvez nem tenha notado a emoção de minha voz ao responder à sua. Era como se eu ouvisse a voz da mais amada de tódas as amadas, salva de um nau-frágio que parecia sem remédio; em noite escura. Quando no dia seguin-te nos encontramos para um almô-ço banal num "bistrô", eu já esta-va refeito; era o mesmo conhecido de sempre, apenas cordial e de ar meio neutro, e ela era outra vez ela mesma, devolvida à sua realida-de banal de pessoa presente, sem o prestígio misterioso da mulher que partira.

Custamos a aprender as línguas; "partir" é a mesma coisa que "sor-tir". Mas através das línguas va-mos aprendendo um pouco de nós mesmos, de nossa ansia gratuita, melancólica e vã.

18/1/50 RUBEM BRAGA

BA